



Doação de órgãos: um ato de amor

Nesta edição, a revista Seareiro reúne emocionantes histórias de vida, depoimentos e informações esclarecedoras para quem ainda tem alguma dúvida sobre como funcionam as doações de órgãos, para quem sabe, como nós, espíritas, que a vida continua “do lado de lá”. O que todos precisamos saber, com toda a certeza, é que a morte encefálica é irreversível e que, ainda que conservemos o perispírito no mundo espiritual, não vamos precisar de mais nada ou de nenhum órgão físico do nosso corpo material. E a sensação de ser útil pode ser um conforto inestimável aos nossos entes queridos que partem da jornada terrena. Como diz um dos depoimentos: “... eu seria obrigado a largar o próprio coração ao endurecimento inútil, a praticar involuntariamente um ato que me fez mais confortado na Vida Maior”.

Doação de órgãos

Fazendo o bem ao desencarnar

Aos 39 anos, Tânia Russo, hoje trabalhadora da Seara Bendita, decidiu ter um filho sozinha. Em 1990, nasceu Bruno, após uma gestação tranquila. A alegria de ser mãe era grande, a família a apoiara. Afinal, ter e criar um filho sem a ajuda do pai era uma decisão importante e corajosa. Quando o pequeno nasceu, Tânia achava que as preocupações e dificuldades seriam comuns às de uma mãe de primeira viagem. Mas logo veio a notícia que a deixaria alerta pelos próximos dez anos: Bruno foi diagnosticado com as vias biliares do fígado atrofiadas. Com três meses de vida, foi realizada uma cirurgia que conectou o fígado ao intestino, para lhe dar uma sobrevida. Era o início de uma batalha diária do pequeno Bruno. Na época, foi cogitado um transplante, mas era algo muito distante. A cirurgia poderia ser feita somente na Bélgica. No Brasil, o primeiro transplante de fígado de uma criança tinha ocorrido um ano antes do nascimento de Bruno.

O menino passou boa parte da infância no hospital. Costumava ter sangramentos e precisava ficar internado repetidas vezes. A infância de Bruno foi contida, sempre vigiado pela mãe e familiares. “Durante quase dez anos eu aguardei um milagre”, recorda-se Tânia. Numa das internações mais graves, quando tinha nove anos, o patologista que acompanhava Bruno sugeriu um transplante e ele foi colocado na lista de espera. Estávamos em novembro de 1999. Começou a espera e a preparação de Bruno para a cirurgia. A luta agora era contra o tempo. Cada vez que tocava o telefone, havia uma esperança. Mas algumas pessoas passam anos na fila.

Lei da Vida

Antes da Lei da Vida (9.434/97), que entrou em vigor em 1998, havia muitas fragilidades para doação de órgãos, apesar de já haver uma prática no país. Antes dela, não havia uma legislação de como e quando

retirar o órgão para ser transplantado, de quem deveria dar o consentimento e, principalmente, a ordem e a hora em que se podia fazer isso. “Havia uma norma muito frágil do Conselho Federal de Medicina. O que acontecia: os profissionais ficavam com receio de retirar o órgão a ser transplantado, eles temiam por processos, e mais: quem da família poderia consentir a doação do órgão? Eram muitos os entraves para os transplantes no Brasil. Houve estudo das leis internacionais, ouvimos especialistas e criamos dispositivos para que o governo fizesse uma campanha anual incentivando as doações”, diz o médico Lúcio Alcântara, relator do projeto quando senador da República, pelo estado do Ceará. Um dos dispositivos da lei foi organizar a fila. “As pessoas temiam para onde esse órgão doado iria, já que no Brasil as pessoas que têm muito dinheiro e poder costumam ter seus privilégios. Hoje há uma fila de transplante com oportunidades para todos e um ajuste da fila em questão da gravidade, fiscalizada pelo Ministério Público”, relata o médico.

A ordem na fila é crucial para salvar vidas. Muitos desencarnam antes mesmo de receber o órgão. Podem-se doar córneas, coração, pulmão, rins, fígado, pâncreas, ossos, medula óssea, pele e alvas cardíacas. Em cada caso, a retirada dos órgãos pode ser feita desde antes da parada cardíaca até no máximo seis horas depois da morte do doador. O tempo de manutenção dos órgãos fora do corpo do doador até o transplante no receptor também varia de seis horas até cinco anos (no caso dos ossos).

Quando o potencial doador efetivo é reconhecido, a central de transplantes é avisada, pois apenas ela tem acesso aos cadastros técnicos com informações de quem está esperando um órgão. A escolha do receptor é definida de acordo com a ordem da lista de espera que leva em consideração fatores como a compatibilidade entre o doador e o receptor, o tempo de espera e a urgência.

Morte encefálica

No dia 29 de julho de 2010 à noite, enquanto arrumava as malas para uma viagem de trabalho como consultora, Tânia recebeu a ligação tão aguardada. Havia uma chance, um possível doador de fígado. Era uma corrida contra o tempo, enquanto se examinava se a peça era compatível. Bruno foi levado às pressas para o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, para ser internado. Naquela mesma madrugada, às 3 horas da manhã, Bruno recebe o fígado de um menino de oito anos que sofrera um acidente. Os pais, num ato de amor, fizeram a doação, assim que diagnosticada a morte encefálica do filho. Vida nova para Bruno, hoje com quase 25 anos.

Este é uma dos benefícios da Lei da Vida, saber exatamente quando se pode fazer a retirada do órgão. Para evitar medos, é importante entender que a morte encefálica é irreversível. É a morte do cérebro, incluindo tronco cerebral que desempenha funções vitais como o controle da respiração. Quando isso ocorre, a parada cardíaca é inevitável. Embora ainda haja batimentos cardíacos, a pessoa com morte cerebral não pode respirar sem os aparelhos e o coração não baterá por mais de algumas poucas horas. Por isso, a morte encefálica já caracteriza a morte do indivíduo. Todo o processo pode ser acompanhado por um médico de confiança da família do doador. É fundamental que os órgãos sejam aproveitados e preservados para a doação enquanto ainda há circulação sanguínea irrigando-os, ou seja, antes que o coração deixe de bater e os

aparelhos não possam mais manter a respiração do paciente. Mas se o coração parar, só as córneas poderão ser doadas.

É importante que submetam o possível doador a exame complementar que demonstre morte encefálica, caracterizada pela ausência de fluxo sanguíneo em quantidade necessária no cérebro, além de inatividade elétrica e metabólica cerebral. A morte encefálica é bem diferente do coma, quando as células do cérebro estão vivas, respirando e se alimentando, mesmo que com dificuldade ou um pouco debilitadas. Após o diagnóstico de morte encefálica, o médico do paciente, da Unidade de Terapia Intensiva ou da equipe de captação de órgãos deve informar de forma clara e objetiva que a pessoa está morta e que, nesta situação, os órgãos podem ser doados para transplante, isto com a permissão da família.

Polêmica

Uma das polêmicas da Lei da Vida foi a doação presumida como acontece na Espanha, por exemplo. Ou seja, todos são doadores, a não ser que deixe em vida por escrito que não deseja doar seus órgãos ou quando há impedimento da família. Entretanto, esse dispositivo foi modificado depois. A Lei 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, foi posteriormente alterada pela Lei 10.211, de 23 de março de 2001, que substituiu a doação presumida pelo consentimento informado do desejo de doar. Segundo a nova lei, as manifestações de vontade



à doação de tecidos, órgãos e partes do corpo humano, após a morte, que constavam na Carteira de Identidade Civil e na Carteira Nacional de Habilitação, perderam sua validade em 2000. Isso significa que, hoje, a retirada de órgãos/tecidos de pessoas falecidas para a realização de transplante depende da autorização da família. Sendo assim, é muito importante que uma pessoa que deseja, após a sua morte, ser uma doadora de órgãos e tecidos comunique à sua família sobre o seu desejo, para que a mesma autorize a doação no momento oportuno. Hoje a palavra final é da família.

Mas muitas famílias esquecem que podem doar no momento da morte de um ente querido.

Alice Testa Barollo, trabalhadora da Seara, teve uma experiência curiosa sobre doação de órgãos. Seu pai, após sair de uma internação, enfartou em casa.

Uma vizinha sugeriu a doação de órgãos. Como seu Francisco Testa, 77 anos, já tinha desencarnado, só podiam doar as córneas. Em menos de duas horas, chegou uma equipe na casa deles para retirar as córneas. Mas antes disso, o médico responsável pela equipe sentou e conversou com a esposa. “Ele pegou a mão da minha mãe, que obviamente estava muito abalada, e disse amorosamente que com essa atitude dela, duas pessoas voltariam a enxergar. Eu acredito que meu pai não se oporia, pois era espírita e costumávamos fazer todas as semanas o Evangelho no Lar. A equipe subiu e retirou as córneas em meia-hora. Depois de 20 dias, recebemos uma carta de agradecimento que minha mãe guarda até hoje”, conta Alice. Ela afirma que a atenção do médico com a família foi essencial para que não tivessem preocupação se estavam fazendo a coisa certa. “Meu pai desencarnou fazendo o bem”, conforta-se Alice.

O que diz a espiritualidade?

Há uma preocupação dos espíritos em relação ao tempo da separação do Espírito e do corpo, através do desligamento do perispírito (*leia texto de Sylvio Montenegro sobre o assunto*). No livro *Plantão de Respostas*, de Emmanuel, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, perguntam a ele o que a Doutrina Espírita pode falar a respeito de doação de órgãos, sabendo-se que o desligamento total do Espírito pode às vezes ocorrer em até 24 horas e que, para a medicina, o tempo é crucial para a eficácia dos transplantes. O Espiritismo é contra ou a favor dos transplantes? A resposta foi:

“O benefício daqueles que necessitam consiste numa das maiores recompensas para o Espírito. Desse modo, a Doutrina Espírita vê com bons olhos a doação de órgãos. Mesmo que a separação entre o Espírito e o corpo não se tenha completado, a espiritualidade dispõe de recursos para impedir impressões penosas e sofrimentos aos doadores. A doação de órgãos não é contrária às leis da natureza, porque beneficia, além disto, é uma oportunidade para que se desenvolvam os conhecimentos científicos, colocando-os a serviço de vários necessitados”.

Na *Folha Espírita* (nov.1982) perguntam a Chico Xavier se os Espíritos consideram os transplantes de órgãos prática contrária às leis naturais.

“Não. Eles dizem que assim como nós aproveitamos uma peça de roupa que não tem utilidade para determinado amigo, e este amigo, considerando a nossa penúria material, nos cede esta peça de roupa, é muito natural, aos nos desvencilharmos do corpo físico, que venhamos a doar os órgãos prestantes a companheiros necessitados deles, que possam utilizá-los com segurança e proveito”, responde com simplicidade Chico Xavier.

O livro *Seara de Luz* apresenta uma série de entrevistas com Divaldo

Franco entre 1971 e 1990. Ele diz:

“A doação de órgãos para transplantes é perfeitamente legítima. Divaldo Franco certifica: se a misericórdia divina nos confere uma organização física sadia, é justo e válido, depois de nos havermos utilizado deste patrimônio, oferecê-lo, graças às conquistas valiosas da ciência e da tecnologia, aos que vieram em carência a fim de continuarem a jornada.”

Tânia soube, por um erro do hospital, o nome do doador de fígado do filho. Na hora em que entregaram o prontuário do Bruno, lá estava o nome do doador. Soube por meio de conversas de profissionais do hospital que o doador sofrera um acidente. Como ela já era trabalhadora da Seara Bendita, vibrou por muito tempo pelo Espírito que salvara a vida do filho. “Descobri o nome do doador e vibrei anos por ele e pela família. Colocava o nome dele na urna de vibrações e agradecia o que ele tinha feito. Um dia, o papel que eu carregava com o nome dele sumiu estranhamente e, engraçado, não me lembro mais do nome dele”, conta Tânia.

Uma das maiores preocupações foi sobre a morte encefálica do doador. Ela leu bastante sobre o assunto e conversava muito com seus dirigentes da Seara Bendita. “As pessoas têm medo da doação de órgãos. Não entendem a morte cerebral. Eu acredito que o Espírito não estava mais aqui. Li um livro chamado *Transplantados*, sob ótica da Doutrina Espírita, que ajudou bastante a tirar minhas dúvidas. Mas acredito que é, acima de tudo, uma doação de amor”, diz Tânia. Hoje seu filho leva uma vida normal. “Às vezes, ele comete excessos na alimentação, e eu chamo a atenção dele. Ele faz controles anuais e toma remédios. Foi uma vitória para a gente”, alegre-se Tânia. Acredite, Tânia, foi também uma vitória do Espírito doador.

Leia agora a transcrição do caso de um Espírito doador de coração e a carta psicografada por Chico Xavier, do livro *Vozes da Outra Margem*.

“O primeiro transplante cardíaco no Rio Grande do Sul; Transplante de coração; Médico diz que a cirurgia foi um sucesso técnico; Diretor do Instituto de Cardiologia está entusiasmado com o resultado: essas foram algumas das manchetes estampadas pela imprensa gaúcha nos dias que se seguiram ao transplante realizado em Ari Vacari Zagar, no Instituto de Cardiologia de Porto Alegre, a 1º de junho de 1984, com o coração doado pelo jovem Roberto Igor Porto da Silva, acidentado gravemente de moto quatro dias antes.”

Uma conduta altamente caridosa... em pauta um grande avanço da ciência... Mas, nos bastidores do acontecimento que ocupava, merecidamente, várias colunas dos jornais, padecia um coração materno pela perda do filho querido, sofrimento agravado pelo transplante, que dona Izar Porto Silva, em sua simplicidade, não entendia com clareza.

Ela não havia sido consultada a respeito, pois a autorização do transplante partiu de sua filha Magali, que acompanhava muito de perto o irmão hospitalizado. Inclusive, a notícia do transplante, que sua filha pretendia retardar alguns dias, chegou-lhe aos ouvidos, pela imprensa, já no dia seguinte do falecimento de Roberto.

“Eu não descansaria enquanto não soubesse exatamente como foi o acidente e se meu filho aceitou ou não a decisão de Magali.” - escreveram d. Izar em atenciosa carta.

De fato, várias vezes ela deslocou-se de Porto Alegre a Uberaba na expectativa de receber mensagem de Roberto pela psicografia de Chico Xavier.

Na quarta viagem, finalmente, seu filho comunicou-se, transmitindo-lhe muito consolo e os esclarecimentos almejados. E deixou ressaltados os reflexos benéficos decorrentes da doação de seu coração carnal:

Querida mãezinha Izar, aqui estou eu a pedir-lhe a bênção.

Os ponteiros do relógio giram na esfera a que se aprisionam, contando as horas, mas o nosso amor está acima do tempo...

... Mãe, deixe o meu corpo, como quem se afastava de uma roupa que se

fizera imprestável, e logo de saída, conquanto me sentisse privado da visão, senti uma dor muito grande no tórax. Os amigos de meu pai me solicitaram esquecesse o vigor daquela agulhada que me transtornava todo o ser; no entanto, eles se apressaram em me auxiliar com o magnetismo curativo e a dor desapareceu.

Soube mais tarde de que naquele momento eu tivera o coração do corpo físico arrancado para servir ao transplante que favoreceria um homem que se avizinhava da morte.

Meu pai informou que a medida fora autorizada por minha irmã e deu-me a conhecer a utilidade da providência, de vez que eu não mais recuperaria o corpo quebrado até a medula.

Explicou-me que era justo o trabalho que se fez, entregando-se o meu coração, que ainda pulsava, ao irmão doente que, com isto, poderia continuar vivendo, e esclareceu-me com tanta lógica que acabei aderindo, reconhecendo que a Magali, vendo-me quase morto, do ponto de vista físico, permitira que o meu coração servisse para alguém que necessitava dele.

Logo que me confessei agradecido e satisfeito com a medida, notei que o coração em meu corpo espiritual pulsava forte e robusto.

Conto-lhe a minha experiência para que não se impressione com o que aconteceu, porquanto da queda de que fora vítima não mais levantaria.

Estou, mãezinha Izar, satisfeito por ter tido oportunidade

de doar o coração, que se abeirava da imobilidade, a uma outra pessoa que com isto se beneficiaria.

Segundo pode o seu generoso coração concluir, seu filho está feliz por ter encontrado o ensejo de cooperar em auxílio de alguém na hora da liberação que se achava prestes a se consumir.

Agradeça, mamãe, à Magali, por não haver vacilado no momento em que eu seria obrigado a largar o próprio coração ao endurecimento inútil, a praticar involuntariamente um ato que me fez mais confortado na Vida Maior, quando eu não mais teria oportunidade de revê-la junto a mim.

Estou reconhecido e pode crer que, se viesse a repetir-se a provação de que fui objeto, eu próprio teria pedido com acenos para que retirassem de meu corpo todas as peças que se mostrassem suscetíveis de prestar auxílio a alguém. Mais uma vez peço-lhe agradecer a Magali o bom-senso com que agiu em meu caso e, com as muitas saudades de sua presença em minha nova vida, beijo-lhe as mãos queridas.

O filho reconhecido de sempre, sempre seu, Roberto.

Roberto Igor Porto Silva

Roxana Varella Trabalhadora, voluntária e expositora da Área de Infância e Juventude da Seara Bendita. Coordenadora da coluna Infância e Juventude da revista Searaíre

Colaboração de **Sonia Carvalho**, trabalhadora da Seara Bendita

Doação de órgãos compromete o perispírito?

O porquê de algumas pessoas, dentro do Movimento Espírita, ainda insistirem em fazer ressalvas à doação de órgãos, temendo uma eventual repercussão disto no corpo perispiritual

Não é de hoje que alguns (muitos...) espíritas externam suas preocupações sobre eventuais repercussões negativas da doação de órgãos no corpo perispiritual. E não para por aí: isso também é dito quando o assunto gira em torno de amputações, tatuagens e até – com um pouco mais de razão, é claro – sobre sequelas no “envoltório” espiritual advindas de maus usos do corpo “físico”¹.

Desde que Hernani Guimarães Andrade propôs a teoria do “Modelo Organizador Biológico” (MOB), dentro dos princípios contidos na Codificação Espírita, de que o perispírito é o elo de matéria sutil entre o princípio espiritual (Espírito) e o princípio material (corpo físico denso), esse tipo de resistência às doações de órgãos aparece aqui e acolá na boca de alguns em nome de uma suposta preservação do corpo “espiritual”² após o desencarne.

Em linhas gerais, a teoria do MOB coloca o perispírito como uma espécie de “forma” para o desenvolvimento do corpo físico do encarnante. Partindo-se do princípio de que corpo e perispírito se unem molécula a molécula, o autor da teoria coloca o corpo mais sutil como o “organizador” do corpo mais denso.

Reparemos, no entanto, que o sentido é esse: **o perispírito molda o corpo “físico”; e não o contrário**. Ou seja, aquilo que fazemos de nosso perispírito repercute no corpo, mas não necessariamente aquilo que fazemos no nosso corpo repercute no perispírito, que é algo bem mais permanente e formatado sim, mas pelos nossos pensamentos e ações vistos do ponto de vista de quem somos e não simplesmente do que eventualmente podemos fazer.

Vamos a um exemplo: se uma pessoa tatua um desenho em seu corpo, ele não “marca”, necessariamente, o perispírito apenas para repetir uma ação física. A tatuagem pode sim transpassar para o corpo “espiritual”, mas pela força do desejo que o Espírito tenha de que aquela marca torne-se um símbolo, ainda

que transitório, de sua identidade.

Em *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, por intermédio da psicografia de Chico Xavier, já trazia a discussão dizendo que “*para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação*” - (Capítulo 2, Corpo Espiritual, item Retrato do Corpo Mental).

Mais adiante, ainda acrescenta que “*todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo à necessidade do campo mental* (grifo nosso) *em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre*” - (Capítulo 4, Automatismo e Corpo Espiritual, item Gênese dos Órgãos Psicossomáticos).

Sendo assim, como o campo mental de alguém que pratica a doação de órgãos é aquele de quem também pratica o amor incondicional, a doação transforma a essência do Espírito de forma a elevá-lo ainda mais, o que, aí sim, repercutirá em seu corpo perispiritual de forma também a purifica-lo ainda mais. O ciclo virtuoso se completa. O Espírito evolui; o perispírito se purifica; e os corpos físicos de doadores (ainda que já sem princípio vital) e receptores se complementam e se dão sentido na cadeia do Amor do Universal.

^{*1} e ^{*2} – O uso das aspas nos dois casos indica apenas **termos de diferenciação** dos corpos citados. Sendo “corpos”, ambos são materiais. Assim, pelo ^{*1}, peço perdão pela redundância; e pelo ^{*2}, o mesmo perdão, mas, desta vez, pela imprecisão do termo “espiritual”, uma vez que se existem apenas dois princípios, não existe “matéria espiritual”, tampouco, como dizem muitos, algo “semimatéria”.

Sylvio Montenegro Jornalista e trabalhador da Seara Bendita

